



O Consumo da Mídia Sonora entre Universitários com Desigualdades Sociais¹

Ana BAUMWORCEL²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo:

Este texto apresenta o primeiro resultado da pesquisa empírica feita com universitários, em Niterói, Rio de Janeiro, sobre a escuta que eles realizam da mídia sonora. A proposta é averiguar como essa escuta varia em função das desigualdades sociais que permeiam os jovens. O desafio foi buscar critérios para identificar a desigualdade social entre 29.000 estudantes da Universidade Federal Fluminense e correlacioná-la com o consumo midiático. Percebe-se que algumas práticas são comuns, mas há distinção na forma e no conteúdo do consumo. A pesquisa aponta que os jovens ouvem rádio independente da classe social, mas os que têm menor poder aquisitivo ouvem mais. A falta de tempo em função da quantidade de atividades realizadas é, para a maioria dos universitários, um fator mobilizador dessa escuta que ocorre no trânsito.

Palavras-chave: mídia sonora; pesquisa empírica; recepção radiofônica; jovens universitários, desigualdades sociais.

A idéia de considerar maluco quem anda e fala sozinho mudou. Hoje a cena é comum em qualquer lugar graças à tecnologia da portabilidade que conecta o diálogo de pessoas em grandes distancias a partir do telefone celular. Se chegarmos bem perto, veremos que a imagem que causa estranheza ao ver alguém andando, falando e gesticulando sozinho, adquire sentido em função dos fones cobertos pelos cabelos, do fio encoberto pela blusa e do aparelho de celular no bolso. Podem ser pretos, brancos, pardos, amarelos, homens, mulheres e de diferentes classes sociais. São muitos. Mas são, principalmente, os jovens que caminham, correm, andam de ônibus, barca, trem, estudam, trabalham e se divertem com os pequenos fones nos ouvidos. Quando eles não estão falando, o que estão escutando? Quais são os seus canais de escuta?

No curso de Doutorado em Educação na UFF em que se busca, numa primeira etapa da investigação, averiguar os canais de escuta de jovens universitários, a necessidade da pesquisa empírica se evidenciou. Por um lado há escassez de investigações específicas³, por outro, nem sempre apenas a leitura cria condições para os argumentos. A quantidade de textos teóricos, as repetições em citações e a dificuldade para dar sentido à abundância de informações podem confundir mais do que esclarecer sobre o melhor trajeto para a pesquisa. Comunga-se com Barth (2000) o interesse em uma teoria

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, pesquisadora e professora de Rádio do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Educação (UFF). Email: anabaumw@yahoo.com.br.

³ Em texto apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação demonstrou-se a escassez de trabalhos que relacionam juventude e mídia sonora em termos de recepção (BAUMWORCEL, 2010).



orientada para os atores, mais próxima do que realmente acontece entre as pessoas de carne e osso.

Como vincular a teoria à prática? Não é a experimentação que dá sentido à teoria, podendo comprová-la ou não? Como tornar concreta a proposta de investigação? Questões que o pesquisador se faz no dia a dia e que o trabalho de campo ajuda a resolver. Nesse processo, uma etapa fundamental é conseguir focar o objeto. Ouvir os jovens, quais jovens? Que critérios utilizar para definir o universo da pesquisa? Quais autores já usaram o critério proposto?

Como uma das hipóteses é de que a escuta da mídia sonora se dá de forma variada em função das desigualdades sociais que permeiam os jovens, o desenho da pesquisa empírica que definiu o universo a ser investigado foi feito a partir da necessidade de conhecer essas diferenças entre os universitários. A busca, então, foi pelos indicadores de distinção social.

Vinte e nove mil jovens compõem o corpo discente da Universidade Federal Fluminense, *locus* da investigação, mas apenas estudantes de alguns cursos foram selecionados. Optou-se por três cursos, em Niterói, entre os 80 oferecidos pela UFF em 16 municípios do Estado do Rio de Janeiro. O critério de seleção dos cursos foi definido a partir do perfil socioeconômico de seus alunos. Para identificar esse perfil, utilizou-se os conceitos de capitais econômico e cultural (BOURDIEU, 1983, 2001, 2007).

Pedagogia, Relações Internacionais e Engenharia Agrícola e Ambiental foram os escolhidos. Esses três cursos foram classificados em popular, seletivo e intermediário, a partir da diferenciação entre eles, que pode ser constatada em função da variação dos recursos de capitais, econômico e cultural, de seus alunos.

A configuração metodológica da pesquisa

A classificação dos cursos em popular, seletivo e intermediário possibilitou que um número menor de estudantes fizesse parte do universo da pesquisa, ao mesmo tempo em que garantiu o critério proposto, identificando a estratificação social entre os jovens dentro de uma mesma universidade. O trabalho de Setton (1999) foi um estímulo para a trajetória percorrida.

A pesquisadora fez um estudo demonstrativo, entre estudantes da USP, sobre a correspondência entre as diferenças de recursos de capital e a procura por determinadas carreiras, o que lhe permitiu observar a classificação “velada” existente no campo universitário e constatar a hierarquização entre os cursos investigados.



Para a classificação dos cursos da UFF como seletivo, intermediário e popular foram considerados indicadores de distinção acadêmica e social, como renda familiar dos estudantes, ocupação e instrução paterna e materna, relação candidato/ vaga para ingresso nos cursos e média de notas, ou seja, de pontos obtidos pelos estudantes na seleção do vestibular.

Na busca pela compreensão das diferentes posições ocupadas pelos cursos no espaço universitário, considerou-se renda familiar e ocupação paterna e materna como indicadores para avaliar o volume do capital econômico e social das famílias dos estudantes. A instrução paterna e a materna pelo volume de capital cultural herdado pelo aluno. Esses capitais são elementos de ordem estrutural que ajudam a entender as diferenças de origem entre as pessoas segundo Bourdieu (2001). A relação candidato/vaga e os pontos obtidos demonstram o investimento de capital escolar e cultural que foi necessário para o acesso a determinado curso.

Levando em consideração esses indicadores estruturais distintivos, foram identificados como cursos seletivos aqueles em que os estudantes têm alta concentração nas formas de capital (econômico e cultural). Como cursos intermediários, os que têm alunos com média concentração de capital e os populares, com baixa concentração.

Essa classificação “velada” entre os cursos foi apenas um dos critérios para se identificar melhor as desigualdades sociais entre os estudantes. Por exemplo, num curso de elite, como Relações Internacionais, não foi encontrado um aluno morador de favela, como ocorreu num curso popular, como Pedagogia. Apesar da política de cotas⁴ ter ampliado o acesso ao ensino superior de camadas de menor poder aquisitivo, as demandas de capital escolar e cultural entre os diferentes cursos e profissões ainda são variáveis distintivas significativas, como a análise dos questionários demonstra.

Na busca de critérios para classificar os cursos, a notícia sobre as vagas mais disputadas no vestibular de 2010 chamou atenção para o curso de Relações Internacionais que começou na UFF em 2008 e apresentou em 2010 uma relação de 37,27 candidatos por vaga, sendo o segundo curso mais disputado. Pedagogia teve uma relação vaga/candidato de 4,41 em 2010 e Engenharia Agrícola e Ambiental, de 5,94⁵.

⁴ Desde 2008 a UFF concede um bônus de 10% na nota final dos alunos de escolas públicas que fizeram todo o ensino médio na rede estadual, mas a instituição ainda não tem cotas para negros. Uma aluna da escola pública Albert Sabin obteve o primeiro lugar geral no vestibular da UFF em 2010 e passou para Medicina. Foi a primeira vez, nos 50 anos de história dessa universidade, que uma estudante de uma escola pública regular obteve essa classificação.

⁵ A Engenharia Agrícola e Ambiental é a que tem a menor relação vaga/candidato entre todas as habilitações em Engenharia.



Em 2008, seis alunos de Relações Internacionais se classificaram entre os 30 primeiros colocados de toda a UFF, enquanto nenhum aluno de Pedagogia ou de Engenharia Agrícola se destacou. Os seis primeiros estudantes colocados em Relações Internacionais, em 2008, vieram de escolas particulares. A nota máxima obtida, em 2008, no curso de Relações Internacionais foi 90,06 pontos, maior que a de Medicina que foi de 81,97. Além disso, Relações Internacionais é um curso que apresenta exigência em idiomas estrangeiros, o que pressupõe um capital cultural alto e um grande investimento escolar para se ter acesso, por isso foi considerado um curso seletivo para o universo de jovens a serem investigados.

Na análise de tabelas da COSEAC⁶ de 2005, constatou-se que a maior parte entre os que ingressaram na Faculdade de Pedagogia veio de escola pública, 50% não fizeram curso pré-vestibular e, desses, 23% dos alunos alegaram não ter feito o cursinho devido às dificuldades econômicas. 29,4% faziam o vestibular pela primeira vez, mas a maioria tentava novamente passar no exame (alguns pela segunda vez, outros pela terceira).

Esses dados da trajetória escolar dos alunos demonstram implicitamente o volume do capital econômico, levando em consideração que boa parte não pode pagar os valores das mensalidades de escolas particulares e dos cursos pré-vestibulares. Demonstram também o volume do capital cultural e escolar, considerando que para ter acesso à universidade, a maioria teve que fazer várias vezes o exame do vestibular.

Os dados sobre os níveis de instrução dos pais confirmam a baixa concentração de capital cultural herdado pelos estudantes e a maior parte das famílias tinha renda mensal de um a três salários mínimos, o que confirma baixa concentração de capital econômico, quando comparada com a renda das famílias de estudantes de outros cursos da UFF.

Ao contrário de Pedagogia, a maioria dos estudantes de Engenharia Agrícola veio de escolas particulares e boa parte frequentou um curso pré-vestibular, revelando um volume de capital econômico maior. O acesso ao ensino superior da maioria dos pais demonstra um capital cultural herdado mais alto.

No entanto, registra-se que também havia pais com fundamental incompleto entre os alunos de Engenharia, assim como em Pedagogia também havia uma minoria de pais com pós-graduação. Esses recursos culturais herdados revelam nuances no perfil geral dos alunos de cada curso que não devem ser ignoradas. A maior parte tinha renda

⁶ Inicialmente, os indicadores de distinção social foram analisados a partir de estatísticas feitas pela Coordenadoria de Seleção Acadêmica (COSEAC), responsável pela organização do vestibular para os cursos de graduação da UFF. Na época da seleção, os inscritos preenchem um questionário socioeconômico com 47 perguntas de múltipla escolha.



familiar de três a dez salários mínimos, o que demonstra volume de capital econômico maior do que os de Pedagogia, assim como um grupo maior de jovens não trabalhava.

A escolha de universitários de Engenharia Agrícola e Ambiental para participarem da pesquisa teve também o objetivo de agregar jovens que venham de áreas rurais ou do interior⁷. A motivação para procurar estudantes com este perfil veio em função da escassez de pesquisas sobre jovens do mundo rural como constatado no estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira. Segundo Sposito (2009, p.24) as investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles pode induzir a generalizações apressadas, se não forem considerados também os de pequenas cidades e de zonas rurais.

Cada um dos três cursos escolhidos faz parte de uma das grandes áreas de conhecimento, representando um pouco da diversidade do campo científico. Pedagogia está na grande área de Ciências Humanas, Engenharia, em Ciências Exatas e Relações Internacionais, em Ciências Sociais Aplicadas. Mas como os estudantes das estatísticas da COSEAC⁸ já haviam se formado e não poderiam participar da pesquisa, as tabelas contribuíram apenas para uma primeira aproximação do universo do corpo discente da instituição. Para suprir a necessidade específica da pesquisa empírica, elaborou-se um questionário mais simples com 28 perguntas com respostas fechadas e apenas três em aberto. O questionário possibilita um olhar quantitativo e contribui para a exploração e a identificação do campo a ser investigado. Foram inseridas também perguntas sobre o interesse na mídia sonora e o tipo de escuta feita pelos jovens.

Optou-se em procurar estudantes que entraram na UFF em 2008 e que estão, em 2011, na metade da trajetória universitária, considerando que alguns cursos têm quatro ou cinco anos de duração. No total, 111 alunos estavam nas salas de aulas dos três cursos na hora em que os questionários foram distribuídos. Aplicou-se, então, 111 questionários exploratórios em uma turma de cada curso escolhido.

.Os questionários exploratórios

Diferenças significativas foram percebidas ao se comparar os resultados dos 111 questionários aplicados nos três cursos. O curso de Pedagogia, por exemplo, é o que tem o maior número de jovens que conciliam a universidade com o trabalho. Em Engenharia, 64% trabalham como estagiários e em Relações Internacionais, 82,35% não

⁷ A UFF tem tradição de ter alunos de outros municípios, principalmente do interior do Estado do Rio de Janeiro.

⁸ As últimas tabelas feitas pela COSEAC são de 2005. Depois disso, não foi feita mais a tabulação dos dados dos questionários que ajudam a conhecer o perfil de alunos que procuram determinados cursos.



trabalham. Esse alto percentual dos que não trabalham no curso de Relações Internacionais pode ser compreendido em função de a renda mensal familiar desses estudantes ser a mais alta entre os três cursos analisados. Assim como o maior percentual de estudantes trabalhadoras se concentra em Pedagogia por este ser o curso com alunas de menor renda familiar.

A maioria dos que trabalham em Engenharia e em Relações Internacionais é estagiário, ou seja, não depende do trabalho para sobreviver⁹. O estágio significa também a possibilidade de buscar o mercado como um investimento complementar de aprendizado da prática profissional. Os que trabalham para sobreviver, nem sempre conseguem conciliar esses interesses.

Em Relações Internacionais, a maior parte dos alunos tem renda familiar entre 11 ou mais salários mínimos e ninguém até 2 salários. Em Engenharia, houve empate entre os que têm renda familiar de 3 a 6, de 7 a 10 e de 11 ou mais salários. Em Pedagogia, turno da manhã, a maioria tem de 3 a 6 e no turno da noite a maior parte não informou.

Esses dados demonstram que a maioria dos estudantes de Relações Internacionais tem um capital econômico maior, os de Pedagogia, menor e os de Engenharia, intermediário. Em termos de capital cultural herdado, a maior parte dos pais dos universitários de Relações Internacionais tem ensino superior completo. Em Pedagogia, noite, a maior parte dos alunos não respondeu sobre a escolaridade dos pais. Pela manhã, a maior parte tem ensino médio completo. Em Engenharia, há empate entre os pais que têm superior completo e pós-graduação, mas um dos pais só tem até a quarta série.

Registra-se que em Relações Internacionais não há pais que tenham escolaridade só até a quarta série, o que não ocorre em Pedagogia e Engenharia. Considerando os pais que têm instrução apenas até a quarta, pode-se afirmar que estudantes com capital cultural familiar herdado muito baixo estão tendo acesso à UFF. Esse dado contraria aqueles que afirmam que apenas os jovens de elite, de famílias de alto poder aquisitivo, entram na universidade pública. No entanto, os que têm baixo capital econômico e cultural concentram-se nos cursos mais populares como Pedagogia ou em alguns intermediários, como o de Engenharia Agrícola e Ambiental.

Percebe-se também que há maior número de pais com pós-graduação em Engenharia do que em Relações Internacionais, o que indica que nem sempre o capital cultural herdado

⁹ Apesar dessa complementação financeira ser importante para as passagens de deslocamento e para a alimentação de vários estudantes de classe média.



está na mesma proporção do capital econômico familiar. De qualquer forma, há um número maior de pais com ensino superior completo em Relações Internacionais. O nível de instrução das mães confirma a diferenciação de capital cultural herdado nos três cursos.

A maioria dos jovens mora com os pais. No entanto, em Relações Internacionais o número é maior e nenhum aluno tem filhos. Em Pedagogia, noite, há sete estudantes que são mães. Pela manhã, uma e em Engenharia, três estudantes têm filhos.

Quadro comparativo

Perfil Socioeconômico de alunos da UFF em 2010	Pedagogia, um curso popular	Engenharia Agrícola e Ambiental, um curso intermediário	Relações Internacionais, um curso seletivo
Vagas no vestibular	160	80	60
Renda mensal da família	31,03% têm 3 a 6 salários mínimos e 10,34% até 2 salários (noite). 70,59% têm e 3 a 6 e 11,76% têm 2 até salários (manhã).	Empate de 25% entre os que têm de 3 a 6, de 7 a 10 e de 11 ou mais salários mínimos. 10% têm até 2 salários.	36,36% têm entre 11 ou mais salários mínimos e ninguém até 2 salários.
Renda individual do aluno	Maioria não respondeu, seguida de 3 a 6 salários mínimos (noite). 3 a 6 salários mínimos (manhã).	Empate entre os que não informaram e os que ganham até 2 ou de 3 a 6 salários.	Só 2 alunos declararam: um até 2 salários e outro mais de 11.
Nível de instrução do pai	24,14% ensino médio e 10,34% até a quarta série (noite). 22,73% ensino médio e 1% até a quarta série (manhã).	29,63% ensino superior e 1% até a quarta série.	35,29% superior completo.
Nível de instrução da mãe	Empate de 20,69% entre as que têm ensino médio e até a quarta série (noite). 26,09% ensino médio e 13,04% até a quarta série (manhã).	40% ensino médio e 4% até a quarta série.	41,18% superior completo.
Nível de pós-graduação	1% dos pais e 10,34% das mães (noite). 1% dos pais e 1% das mães (manhã).	29,63% dos pais e 12% das mães	20,59% dos pais e 29,41% das mães.
Trabalho	89,66% trabalham (noite) e 73,91% trabalham (manhã)	64% trabalham	82,35% não trabalham
Moradia com os pais	72,41% dos alunos (noite) e 69,57% (manhã).	68% dos alunos	73,53% dos alunos.



Filhos	7 alunas da noite e uma da manhã tem.	3 estudantes têm.	Nenhum aluno tem.
Local de moradia	37,93% Niterói e São Gonçalo (noite) e 47,83% Rio (manhã).	44,12% Niterói e 29,41% de outros municípios.	61,76% Rio e 38,24% Niterói.
Cor dos alunos	58,62% preta e parda e 31,03% branca (noite). 50% branca e 40,91% preta e parda (manhã).	84% branca e 8% preta.	73,53% branca e 20,59% preta e parda.
Variação de idade da turma	19 a 40 anos (noite) e 19 a 34 anos (manhã).	21 a 36 anos.	18 a 28 anos.
Sexo dos alunos	99% de mulheres (noite) e 100% (manhã).	70,83% homens e 29,17% mulheres	67,65% mulheres e 32,35% homens.

Resultados

Os resultados dos questionários apontam para a heterogeneidade de perfis e de características sociais dos estudantes dos três diferentes cursos da UFF. Contribuem para comprovar a classificação dos cursos de Pedagogia como popular, Engenharia Agrícola e Ambiental como intermediário e Relações Internacionais como seletivo. Mostram ainda algumas tendências semelhantes as que foram apontadas por Camarano (2006) sobre o perfil da juventude brasileira, apesar dela ter analisado um universo mais numeroso¹⁰ e mais amplo¹¹.

No perfil socioeconômico dos estudantes desses três cursos da UFF, destaca-se, por exemplo, a grande presença feminina na universidade. Camarano (2006) lembra que a transição para a vida adulta das mulheres experimentou mais transformações que a masculina, em função das mudanças na inserção social de gênero. Em 1980, entre as mulheres de 25 a 29 anos, 4,0% declararam ter curso superior completo e em 2000 esse percentual aumentou para 6,2% (Idem, p.109).

De acordo com o censo do IBGE de 2000, 58,5% das mulheres jovens entre 15 e 29 anos trabalhavam e foi entre essas mulheres que houve maior incremento no percentual de participação nas atividades econômicas simultaneamente aos estudos. Isso se confirmou nos dados coletados entre as estudantes da UFF. O curso noturno de Pedagogia, por exemplo, apresentou 89,66% de jovens que conciliam a universidade com o trabalho. Mas essa característica também atinge os universitários do sexo masculino, como pode ser visto em Engenharia (64%).

¹⁰ Camarano analisou os jovens a partir dos dados dos censos do IBGE de 1980 e 2000.

¹¹ A pesquisadora não recortou apenas os universitários como universo de investigação, mas incluiu todos os jovens de 15 a 29 anos dos dois censos do IBGE.



Concorda-se com Camarano (2006) que o processo de reestruturação econômica e a adoção de novas tecnologias requerem qualificação maior da mão-de-obra, o que possivelmente explica a continuação da escolarização após o ingresso no mercado de trabalho. O trabalho dos jovens, no entanto, é marcado pela informalidade e rotatividade¹². Paralelamente, também são os jovens que representam o grupo mais afetado pelo desemprego¹³.

Mas ao contrário do estudo de Camarano, de perfil estatístico e demográfico, a preocupação da pesquisa com a estratificação social possibilitou perceber que as mudanças na transição para a vida adulta não se dão de forma homogênea e pode-se observar a diferença nesse processo entre os estudantes da UFF dos três cursos.

Por exemplo, os universitários de Relações Internacionais que têm maior poder aquisitivo podem se dedicar apenas aos estudos. Os de Engenharia não vivem do trabalho, pois a remuneração é pequena e a função é de estagiário. Mas a maioria das alunas de Pedagogia que tem menor poder aquisitivo trabalha, principalmente, como professora.

A maternidade entre universitárias também foi verificada em conciliação com os estudos e o trabalho, mas entre as estudantes de menor poder aquisitivo. As jovens estão tendo filhos mais cedo e o ritual do casamento vem se transformando¹⁴. Morar com os pais é uma característica dos estudantes dos três cursos investigados, mostrando a possibilidade dos universitários brasileiros estarem seguindo a tendência da juventude européia, constatada por pesquisas publicadas na *Revista de Estudio de Juventud*, da Espanha, em 2005.

A tendência, então, de um crescimento de jovens que participam mais cedo do mercado de trabalho e continuam estudando, morando com os pais, muitas vezes casados e alguns já com filhos também pode ser observada entre os estudantes dos três cursos da UFF, levando-se em consideração, no entanto, a diferença de capitais. E o que ouvem esses jovens distintos socialmente?

O consumo da mídia sonora

A pesquisa considerou a diversidade do conceito de mídia sonora, englobando a variedade de suportes de forma ampla¹⁵ e independente do conteúdo ser informativo,

¹² Outro indicador da precariedade das relações de trabalho reside em que 8% dos jovens que trabalhavam em 2000 não tinham rendimentos, segundo o IBGE.

¹³ Em 2002, eram responsáveis por 47,7% do total de desempregados no Brasil, segundo Camarano (2006:113).

¹⁴ Entre a população de 15 a 29 anos, em 2000, 42% das mulheres já tinham tido filhos, segundo o IBGE.

¹⁵ Desde alto-falantes, aparelhos de rádio (AM, FM), computador (via Internet), telefone celular, aparelhos de MP3.



musical, de entretenimento, publicitário, educativo, comunitário. Acredita-se que a mídia sonora apresenta especificidades que seduzem os jovens. Existe uma cumplicidade cognitiva e expressiva com as sonoridades, com suas fragmentações e velocidades, nas quais o jovem encontra seu próprio ritmo e idioma, como enfatiza Martin-Barbero (2004).

Os suportes de audição sonora, com menor ou maior grau, apresentam como atração o poder de interatividade e de socialização. A mobilidade, a conectividade e a instantaneidade fazem parte natural do mundo de jovens que já nasceram numa época de predomínio da tecnologia digital. O celular, por exemplo, usado para transmissão e recepção de voz, acesso a internet, emails, para baixar músicas, fotografar, ver imagens, ouvir rádio e armazenar dados é barato, leve e multifuncional. Castro comenta a relação dos jovens com os celulares.

Os telefones celulares funcionam como tubos de ensaio para a tão propalada convergência das mídias. (...) Na complexa trama sónica que permeia e rege determinadas culturas juvenis urbanas, ostentar no celular a “última novidade” denota que aquele usuário está “antenado”, “em dia”, atento aos lançamentos e “na frente” dos demais, reafirmando que o “estar ligado” costuma render pontos positivos (CASTRO, 2006, p.6).

A juventude afirma sua presença no mundo a partir desse suporte de comunicação e desenvolve uma relação de poder, de status. A portabilidade do celular somada à possibilidade de tornar os jovens produtores e distribuidores de conteúdo multimídia faz com que esse aparelho seja um dos preferidos. E de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações em outubro de 2010 havia mais celulares do que habitantes no Brasil¹⁶. Rocha compara esses aparelhos com as carteiras de identidade dos jovens.

Celulares e *mp3* armazenam, em *megabites*, o estilo de vida de seus usuários - são fotografias, músicas, vídeos, mensagens, redes sociais e todo tipo de informações que falam mais a respeito de sua identidade do que o próprio documento de papel que carregam em suas carteiras. Da mesma forma, as tarefas do dia a dia confundem-se com as múltiplas e inescapáveis opções de lazer que também estão ali acumuladas. Sendo assim, trabalho e lazer, produtividade e sociabilidade, tempo útil e tempo livre convergem para o mesmo *gadget*, a tecnologia feita para entreter em qualquer espaço e a qualquer momento (ROCHA, 2010, p.11).

Atualmente há lançamentos de músicas de bandas de sucesso sendo transmitidas com exclusividade para telefones celulares, como esclarece Castro (2006, p.7), ao defender que mudanças significativas nas práticas de consumo de música vêm sendo mediadas por apropriações diversas das novas tecnologias. A autora acrescenta que o formato

¹⁶ Para uma população estimada pelo IBGE de 193, 585 milhões de pessoas, a Anatel habilitou 194,4 milhões de celulares, como destaca a reportagem “Celular para fazer quase tudo” In: *Jornal O Globo*, dia 19 de novembro de 2010, p.31.



MP3 de compactação de arquivos de áudio digital foi o grande responsável por esta transformação nos modos de distribuição e consumo de música, especialmente aquela dirigida aos jovens urbanos.

Arquivos compactados em formato MP3 ocupam aproximadamente 1/12 do espaço de disco que os arquivos não compactados ocupariam, o que facilita enormemente a sua transmissão e armazenamento. Adotado por fãs de música em todo o mundo, o padrão MP3 foi também adotado por músicos desejosos de distribuir sua produção de maneira eficiente e barata, via Internet. (...) Acessar e copiar essa música (...) tornou-se um *must* no começo dos anos 2000. (CASTRO, 2006, p.2)

O *MySpace*, rede social de comunicação online gratuita com capacidade para hospedar MP3, tinha, por exemplo, em 2007, 56 mil bandas do Brasil cadastradas, segundo o site www.oglobo.com, citado por Mattos (2010, p.150). O autor (Idem, p.149) afirma, também, que o Brasil é o terceiro no ranking mundial em *download* de *podcast*¹⁷.

No entanto, entre os estudantes dos três diferentes cursos da UFF não é essa a preferência. Entre os 34 alunos de Relações Internacionais que responderam aos questionários, apenas quatro declararam ouvir *podcast*. Desses, duas alunas são estrangeiras e estão em intercâmbio (uma italiana e outra australiana). Entre os 25 de Engenharia, um acessa *podcast* e entre as 52 de Pedagogia (noite e manhã), também apenas uma. Ou seja, de 111 universitários, apenas seis consomem *podcast*.

O *podcast* não é muito acessado nem mesmo entre os estudantes de Relações Internacionais que dispõem de maiores capitais, econômico e cultural. Curiosamente, por exemplo, eles não ouvem *podcast* de emissoras estrangeiras, apesar de todos dominarem pelo menos três idiomas diferentes¹⁸. E a minoria, nos três cursos da UFF, que declarou ouvir *podcast*, opta pelo *podcast* de emissoras direcionadas aos jovens, como Mix e Oi, que existem no dial.

O mesmo ocorre com os poucos que afirmam ouvir webrádio¹⁹. A escuta é de rádios convencionais ao vivo, só que pelo computador. A maioria dos jovens da pesquisa não procura por emissoras com presença exclusiva na Internet, como os mineiros dos estudos de Prata (2009a, 2009b). Registra-se que os estudantes da UFF com menor volume de capital ainda são desinformados sobre *podcast* e webrádio.

¹⁷ Arquivos de áudios gratuitos que ficam na internet, podendo ser de música ou variados assuntos, atualizados por assinatura e que podem ser ouvidos no computador e em tocadores portáteis de MP3. A palavra surgiu da fusão de Ipod e *casting*.

¹⁸ O resultado da pesquisa entre estudantes da UFF difere do consumo crescente de *podcast* por parte dos alunos de maior poder aquisitivo, como identificou Kischinhevsky (2009), no curso de Jornalismo da PUC-RIO. No entanto, o curso de Comunicação da UFF não fez parte da pesquisa e é possível que seus alunos ouçam *podcast*.

¹⁹ Entre os 34 alunos de Relações Internacionais que responderam aos questionários, apenas quatro declararam acessar webrádio. Entre os 25 de Engenharia, dois escutam webrádio e entre as 52 de Pedagogia, três, do turno da manhã, e nenhuma, na noite. Dos 111 estudantes, apenas nove acessam webrádio.



Mas todos os alunos (100%) de Relações Internacionais, Engenharia e Pedagogia (manhã) têm acesso à rede de computadores. 96,55% dos de Pedagogia (noite) também. A maioria (91,18%) de Relações Internacionais e de Engenharia (92%) baixa música do computador. Em Pedagogia, no turno da manhã (65,22%) e no da noite (55,17%) também há muitos que baixam. Isso comprova que a prática de baixar música do computador é comum entre os jovens e que ouvir música é uma prática cultural dos universitários independente da classe social.

No entanto, os suportes preferidos para ouvir música são diferenciados. A maioria dos alunos de Relações Internacionais e de Pedagogia (manhã) declarou preferir o computador, os de Engenharia preferem ouvir no CD player, Ipod ou aparelho de MP3 e os de Pedagogia (noite) declararam preferir ouvir música no aparelho de rádio tradicional. Essas preferências se associam as diferenças de poder aquisitivo, onde os que têm maior capital econômico têm mais acesso aos suportes mais caros.

A pesquisa demonstrou, também, que os jovens ainda ouvem rádio. A partir dos questionários pode-se observar que Pedagogia (noite) é o curso com maior percentagem (37,93%) de estudantes que ouvem rádio por mais tempo (várias horas por dia) e que Relações Internacionais é o que tem maior percentagem dos que não ouvem (11,76%). Isso não significa que não haja aluno nesse último curso que não ouça, pois 29,41% dos alunos de Relações Internacionais declararam ouvir rádio várias horas por dia. No entanto, a maior parte dos alunos de Relações Internacionais (41,18%), de Engenharia Agrícola e Ambiental (36%) e de Pedagogia (39,13%), turno da manhã, ouve ocasionalmente.

Ao somar todos os que ouvem independente da quantidade de horas, encontra-se um total de 96% em Engenharia, 93,10% em Pedagogia (noite), 91,31% no turno da manhã e 88,24% em Relações Internacionais. Esses dados possibilitam concluir que os estudantes da UFF dessa pesquisa ouvem rádio, mesmo que ocasionalmente. Os integrantes de Pedagogia (noite) e de Engenharia Agrícola e Ambiental são os que mais ouvem e os de Relações Internacionais, os que menos ouvem.

Constata-se, então que são os jovens de menor poder aquisitivo que usam mais o rádio e por maior quantidade de horas. Esse resultado se aproxima do perfil do consumidor divulgado recentemente. A maioria dos consumidores de rádio no Brasil é formada por mulheres (53%) e a classe C é a que mais ouve (48%). Em seguida vem os da classe B (33%), depois classe D (11%). Na classe A, apenas 7% e na E, 1%. E a maior parte dos consumidores é jovem, pois a faixa etária predominante é a de 20 a 29 anos (22%).



Depois vêm os de 30 a 39 anos (19%), 40 a 49 anos (18%), 50 a 59 anos (13%), (GRUPO MÍDIA DADOS, 2011, p. 384).

A questão do baixo custo continua sendo, portanto, um dos fatores que influencia na escolha do rádio em relação aos outros meios²⁰. No entanto, também ficou claro na pesquisa entre os universitários da UFF que outro fator para a opção pelo rádio é a falta de tempo para baixar música em função das diversas atividades que realizam²¹. Em constante movimento fora de casa, os “sem tempo” vivem no trânsito e costumam levar mais de uma hora, no ônibus e na barca, por exemplo, para chegar a Niterói, onde fica a UFF. Muitos moram no Rio ou em outros municípios.

Nesse trajeto, costumam ouvir o rádio pelo celular para se “informar, se animar, se distrair, relaxar e para o tempo passar”. Alguns escutam o rádio do carro, mas o celular é o artefato mais utilizado no trânsito pela maioria, pois “cabe no bolso e dá para fazer tudo com ele”, argumenta uma aluna de Relações Internacionais. Outra, no entanto, de Pedagogia admite não saber usar o celular, por exemplo, para passar email. Aqui se constata como a forma de utilização da tecnologia é distinta.

Os jovens também procuram o rádio para conhecer novas músicas e alguns costumam enviar torpedo para a emissora pedindo detalhes sobre o que ouviram. Quando o rádio fica repetitivo, acessam o repertório musical salvo no celular. Quando cansam desse repertório que não tiveram tempo para renovar, voltam para o rádio e “ficam” nesse movimento entre lá e cá. Os universitários da pesquisa não são, portanto, ouvintes fiéis. Apesar de terem emissoras preferidas, costumam mudar de dial com frequência e indicaram as várias que gostam de sintonizar²². A Mix, porém, é a mais ouvida entre os jovens de Engenharia. A maioria das alunas de Pedagogia (manhã e noite) marcou, no questionário, o item outras e exemplificou com estações evangélicas. A emissora MPB é a preferida entre os universitários de Relações Internacionais e são esses que também ouvem mais as de perfil jornalístico, como a CBN e a Bandnews. Eles são os mais informados e mais críticos em relação à mídia, entre os três cursos. Os estudantes de Engenharia e de Pedagogia sintonizam menos o rádio informativo. Observa-se, então,

²⁰ “Pouca grana para comprar jornal todo dia”, alegou uma aluna de Pedagogia da UFF, que se informa pelo rádio.

²¹ A maioria dos estudantes de Engenharia estuda em horário integral e faz estágio, os de Pedagogia estudam em um turno, mas trabalham e os de Relações Internacionais, além de um turno na universidade, fazem curso de idiomas, esporte, academia, estágio e costumam participar de conferências e debate extraclasse. Um estudante de Engenharia, por exemplo, disse deixar o computador ligado, fazendo download, durante a noite, enquanto dorme, por falta de tempo para baixar música. Outra prática entre os “sem tempo” é trocar música com amigos pelo celular.

²² No questionário, marcaram as emissoras Oi, Transamérica, Sul América Paradiso, JB, Nativa, FM O Dia, entre outras.



uma variação de audição do conteúdo sonoro em função do tipo de rádio escolhida que se vincula a diferenciação dos recursos de capitais dos jovens.

O rádio FM é o mais escutado em todos os cursos e se constata que o AM é pouco ouvido pelos jovens²³. A minoria que opta pelo rádio AM, ouve a Globo ou a Tupi porque seus pais deixam o aparelho ligado nessas emissoras e eles acabam escutando. Poucos universitários acompanham futebol pelo rádio, a maioria prefere ver a partida pela TV. Somente uma aluna de Pedagogia declarou ouvir e já ter participado de rádios comunitárias.

A pesquisa ainda não está concluída²⁴, mas a primeira análise dos questionários mostra que apesar do acesso generalizado aos vários suportes, jovens universitários com recursos desiguais de capitais - econômico e cultural - consomem a mídia sonora de forma diferenciada. A desigualdade de capitais interfere no conhecimento sobre a melhor forma de utilizar os suportes, passando pelo tempo disponível para a escuta até a variação na busca de conteúdos sonoros.

Identifica-se que o consumo se efetiva em função da importância da mídia sonora para esses jovens. E reconhece-se, com Barth (2000 p.123), que as pessoas participam de universos de discurso múltiplos e que a construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica. Com isso admite-se que a influência da mídia sonora na vida desses jovens será sempre relativa.

Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BAUMWORCEL, Ana. “Breve balanço do campo de estudos de juventude e mídia sonora no Brasil”. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **A distinção: critério social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CAMARANO, Amélia (org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

²³ Em Engenharia, quatro ouvem AM. Pedagogia noite, seis, manhã, uma e Relações Internacionais, três.

²⁴ Os dados apresentados nesse texto fazem parte da primeira etapa da investigação.



CASTRO, Gisela. “Música, juventude e tecnologia: novas práticas de consumo na cibercultura”. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

FARIAS, Tarsia- “A percepção de jovens ouvintes universitários da UFSC sobre o meio rádio e o radiojornalismo”. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009

GRUPO DE MÍDIA. **Mídia dados 2011**. São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://midiadados.digitalpages.com.br/home.aspx>. Acesso em 10 de julho de 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. “Como jovens jornalistas ouvem rádio”. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús e REY, German. **Os exercícios do ver**. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

MATTOS, Sérgio. “O imaginário da juventude, a televisão e as tecnologias digitais”. In: BARBOSA, Marialva e MORAIS, Osvando de (org), **Comunicação, Cultura e juventude**. São Paulo: INTERCOM, 2010.

PRATA, Nair. “A webradio e a geração digital”. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009a.

_____. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis, Insular, 2009b.

REVISTA DE ESTUDIO DE JUVENTUD. Autonomia de la juventud en Europa. Madrid: Injuve, nº 71, Diciembre 2005. Disponível em:
<http://www.injuve.migualdad.es/injuve/contenidos.item.action?id=373533222&menuId=2035740236>

ROCHA, Everardo, PEREIRA, Claudia e BALTHAZAR, Ana Carolina. “Tempo livre é tempo útil: *gadgets*, entretenimento e juventude”. In: Anais do Encontro Nacional da XIX COMPÓS, Rio de Janeiro, 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação”. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 80, nº 196, pp. 451-471. Brasília, set/dez. 1999.

SPOSITO, Marília Pontes (org). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. v. 1 e 2, Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.